A RELATIVIDADE DO BEM

PARTE 2
BEM E MAL

2ª Edição

A.J.Pissuto

A.J.Pissuto

Copyright © 2009 by A.J.Pissuto
Copyright © 2011 by A.J.Pissuto
All Rights Reserved.

O texto contido neste documento é uma propriedade intelectual de seu autor e nenhuma parte do mesmo poderá ser modificada ou copiada, por qualquer meio gráfico ou eletrônico, sem a prévia autorização por escrito de seu autor. As ideais aqui colocadas não fazem referência a pessoas, nomes, alcunhas ou idéias proprietárias. Desta forma, qualquer semelhança com fatos ou pessoas tratar-se-á de mera coincidência.

A.J.Pissuto

Pissuto, A.J.

A Relatividade do Bem – Parte 2 - Bem e Mal

Brasil - Santa Catarina : Florianópolis, 2011

Romance – Ficção

A Relatividade do Bem
Parte 2 – Bem e Mal
Resumo

Muitas vezes nos perguntamos o que é ser bom e o que é ser mal. Em geral, aceitamos que o conceito de bom está associado àquele que faz o bem. Ai nos vem uma dúvida: mas, afinal, o que seria o bem? E, em contrapartida, o que seria o mal? Qual é a definição que damos para essas palavras?

A idéia deste livro é mostrar que esta definição é relativa; que ela está associada a cada particular pessoa; a cada um de nós. Desta forma, procurou-se mostrar o seguinte: aquilo que uma pessoa considera ser o bem pode não ser o que outra pessoa considere como tal. Existe uma discordância entre as pessoas para este conceito, ou seja, ele não é universal.

Muitos dos diálogos aqui apresentados carregam essas discordâncias. Em nenhum momento se pretendeu chegar a um consenso e muito menos a uma conclusão. Isto, com toda certeza, seria só a opinião do autor, uma defesa parcial do seu próprio conceito. São discussões que carregam algumas teorias, algumas emoções, algumas ironias e até mesmo sarcasmo. São discussões que ocorreram e ocorrem no nosso dia a dia. A idéia, como já foi dito anteriormente, é mostrar que existe a discordância e não fixar um conceito particular.

A história gira em torno de um conjunto de pessoas que apresenta algumas características extraordinárias. Neste caso, a fantasia nos permite simular situações reais, onde alguns argumentos estão baseados somente em atributos sociais, tais como: posição social, cargo em empresas, nível de ensino, saldo da conta bancária e outras coisas assim. São argumentos do tipo: eu sou seu chefe, ou eu sou seu professor, e por isso mesmo eu é que tenho razão. Mas a discussão deste tema não dá razão a ninguém, tenha o atributo que tiver.

Ah! Muita da fantasia aqui apresentada, ou daquilo que se considerou ser fantasia, também são proposições aceitas por alguns grupos de pessoas que, desta forma, podem não concordar muito bem essa

terminologia. Mas isto seria tema para outro tipo de discussão. Por enquanto, vamos considerar serem apenas fantasias.

O Autor

A.J.Pissuto

Capítulo XII - Encontro fatal

Walter acordou sobressaltado. Tinha algo em sua cabeça que o perturbava. Sua intuição aflorava novamente. Alguma coisa veio à sua mente e se foi logo em seguida. Alguma recordação, algumas coisas haviam se ligado.

Já fazia três anos que Walter deixara o grupo, mas isto ainda incomodava suas sinapses, em especial, aquela última conversa. Lembrou-se de alguma coisa, mas o que era mesmo? Algo que andara procurando, mas o que era aquilo?

Walter levantou-se e foi para a cozinha tomar um pouco de água. Precisava se acalmar. Precisava raciocinar. Precisava lembrar. Tomou um copo de água e sentou-se em uma cadeira junto à mesa. Acendeu um cigarro e ficou ali olhando aquela fumaça se espalhando até o teto. Foi ai que lembrou. Mas era tudo tão claro, como podia ter se esquecido disto, mas logo em seguida soube por que. Era pura intuição.

Logo pela manhã Walter preparou uma mala e acomodou suas roupas. Fechou toda a casa, pegou seu carro e dirigiu-se à mercearia mais próxima. Lá encontrou um velho conhecido e disse a ele que tinha que se ausentar por alguns dias, pois um parente seu estava doente e precisava de sua ajuda. Pediu que informasse aos outros. Foi para a escola onde lecionava e contou a mesma história. Depois, entrou no carro e, logo depois, pegou a estrada em direção a São Paulo.

Chegando a São Paulo, alugou um quarto num hotel, tomou um banho e foi em direção ao centro onde vendeu seu carro. Retornou ao hotel de ônibus, pegou sua mala e foi para o aeroporto. Lá comprou uma passagem para os Estado Unidos. Pediram passaporte e visto de entrada que Walter apresentou em seguida. Nos documentos constava o nome de Albert Linderman, um americano de férias no Brasil.

Caramba! Walter também utilizava documentos falsos.

Dois dias depois, entre vôos e estadias, Walter chegava a Los Angeles. Ali sacou dinheiro de uma conta bancária, uma coisa bem estranha para um pobre professor do interior. Depois, comprou um carro e se dirigiu a San Jose. Parecia saber exatamente o que estava fazendo, como se fosse guiado por um plano específico. Alugou um

quarto num hotel e depois foi a um restaurante meio retirado. Ficou por ali, numa mesa meio escondida, mordiscando alguns petiscos e tomando refrigerante por quase três horas. Já estava chamando a atenção quando, pela porta lateral entrou um casal, velho conhecido de Walter: eram Erich e Akiko. Eles viram Walter lá no canto, se entreolharam e, depois, foram em sua direção. Até parecia que tinham marcado um encontro no local. Walter se levantou, cumprimentou Erich e Akiko e todos se sentaram à mesma mesa.

Walter não conseguia não olhar para Akiko. Ficou nisto por bastante tempo e, depois, falou sorrindo:

-Caramba! Você, cada dia, mais maravilhosa. E então? Como vão as coisas? Agora vocês já se dispõem a sair em público?

Walter colocou a pergunta de forma bastante formal. Parecia um gravador repetindo uma fala.

-Sentimos uma presença estranha e viemos verificar. Pensávamos ser Jaime. Não sabíamos que era você. –

Foi Akiko quem se preparou para responder a Walter.

-Uma presença estranha! Eu? Um estranho para você? Então agora eu exalo alguma coisa que é estranha? Já falaram várias coisas para pessoas de minha cor, mas presença estranha é a primeira vez. Quer dizer que fui detectado; é isto?

-Não sei como nos encontrou. Você não usa um anel, mas aparece na cidade onde estamos reunidos e ainda possui algo que podemos sentir. Walter! O que mudou em você?

-Em mim não mudou nada. Estou aqui a negócios e este nosso encontro é uma mera coincidência, só isto.

-Sei! Conta esta história para outro. Que negócios são esses que um professor pobretão de escola secundária pode ter nos Estados Unidos? Isto me é novidade.

-Ah! Bingo! Então andaram me seguindo? É! Eu presumi isto.

-Nós monitoramos você desde que se separou do grupo. Nunca perdemos você de vista. Como já dissemos, em nosso último encontro, você é muito importante para nós.

-Importante! Sei! Mas vamos ao que interessa: todos estão nesta cidade?

-Sim. Foi aqui que escolhemos nos encontrar. Sentimos uma presença nesta região e, presumimos tratar-se de Jaime. Não imaginávamos que era você.

-E nem poderia ser. Eu cheguei aqui somente hoje. Se vocês conseguem monitorar a presença de alguém estranho, este alguém não sou eu. Talvez o Jaime também esteja por aqui.

-Não é o Jaime não. O que sentimos hoje era diferente e, desta forma, deve ter sido provocado por você. A outra sensação continua presente, mas é distante. Mas não sei explicar por que sentimos você.

-Talvez seja o meu charme. Sempre fui considerado um cara simpático, charmoso. E então Akiko: quem sabe você não estava com saudades de mim.

-Pare com essas brincadeiras. Alguma coisa mudou em você nesses últimos três anos. Por que você veio para cá?

-Ué! Pela mesma razão que vocês. Senti alguma coisa me chamando para este lugar. Não sei explicar, eu sabia para onde devia ir sem nunca ter visto este lugar. Eu senti isto. Vendi meu carro e vim para cá o mais rápido que pude. Imaginava que vocês estavam me chamando por algum meio que desconheço. Vocês é que estão nisto há mais tempo. Vocês são os que podem explicar.

-Explicar? Mas nós não explicamos nada. Nós sentimos alguma coisa diferente há uns trinta dias atrás, e reunimos o grupo. É uma surpresa ter você por aqui, de livre e espontânea vontade. Você sempre fugindo da gente, querendo voltar para sua vidinha pacata e, agora, você por aqui. Você é um elemento estranho. Não acha?

-Eu não acho nada. Vivi sossegado e longe de vocês por três anos. Há uns dias atrás comecei a sentir uma sensação esquisita, tipo ansiedade e, não me perguntem como, eu acabei chegando até vocês. Quem sabe alguém esteja querendo nos reunir.

-Jaime e Gabriela. Só podem ser eles. Eles devem ter provocado este encontro. Matar dois coelhos com uma só cajadada. Todo o grupo junto. Temos que nos preparar para o pior.

-Akiko, a pessimista. Você sempre esperando pelo pior.

-Excesso de otimismo pode ser prejudicial neste caso.

-E excesso de pessimismo também. Por que seria alguma coisa ruim? Eu não conheço a Gabriela, mas eu conheço o Jaime. Ele não é uma pessoa que se pode dizer ser ruim. Ele, às vezes, é meio grosso, meio irônico, meio sarcástico, mas isto não faz ninguém ser ruim. E pelo que eu sei só o Francisco conhece a Gabriela. Vocês estão se baseando é nas histórias que ele conta. E, quem conta um conto, sempre aumenta um ponto. Ele tem bronca da Gabriela por algum motivo e, desta forma, pode estar exagerando nas descrições que faz.

-Sim! Você pode ter razão em algumas coisas. Afinal, você é a pessoa apta para isto, apesar de não acreditar no que dizemos.

-Ei! Vamos parar por aqui mesmo. Este negócio de ser o escolhido já foi longe demais da última vez. Isto é maluquice de vocês. Eu só sei que fui afetado por alguma coisa, e que foi isto que me fez vir até aqui. Eu não explico nada, eu não sei de nada, só digo o que sinto. Eu fui chamado para este lugar. Se não foram vocês, então não sei quem foi. Todo o resto são hipóteses sem qualquer evidência.

-Vamos nos reunir novamente e discutir esse assunto com mais clareza. Os outros podem ter opiniões diferentes. Que você acha?

-Sei lá! Por mim tudo bem. Mas, se vocês estão com medo de uma conspiração para nos reunir, acho estranha essa sua proposta.

-Se não podemos evitar, então vamos ao que eles desejam. Se eles querem que nos reunamos, então vamos nos reunir e veremos no que dá. O que não podemos é ficar esperando que alguma coisa aconteça.

-É uma expressão que usamos: ou vai ou racha. Então tudo bem! Vamos nos reunir. E aonde vai ser esta reunião?

-Eu aviso você em dois dias.

A conversa entre eles terminou por ai mesmo. Akiko e Erich se despediram e foram se retirando do restaurante. Walter ficou mais um pouco, pagou a conta e voltou para seu hotel. Durante a espera ficou a maior parte do tempo em seu quarto lendo alguns livros que havia levado consigo. Aparentemente, nada daquilo o afetava. Dois dias se passaram e ele recebeu um recado de Erich para encontrá-los numa praça próxima dali. Ele se arrumou e foi a pé para o endereço mencionado.

Lá chegando, viu um carro parado e se dirigiu para o mesmo. A porta abriu e ele entrou sem fazer muitas perguntas. No volante estava Kimio, um dos integrantes do grupo. Como sempre, não falava muito sobre nada. Era quieto por natureza.

Depois de quase uma hora de viagem, já fora da área urbana, entraram por um caminho estreito e foram para uma casa que havia no fim do mesmo. Kimio parou o carro na porta e saltou. Walter saltou também e seguiu o japonês gigante. Entraram pela porta e se encontraram em uma sala bastante iluminada. Walter reconheceu todos os presentes. Estavam sentados em um sofá grande e cumprimentaram Walter com um aceno de cabeça. Não eram muito dados a protocolos, não precisavam disto. Walter se acomodou em um lugar entre Jacques e Marie. A conversa continuou no mesmo tom de antes da chegada dos dois.

-... O Jaime atingiu um alto grau, maior que o de qualquer um de nós. Ele deve estar usando um anel há algum tempo. Provavelmente a Gabriela providenciou isto. Ele deve querer que nos reunamos. É a única explicação para esta atração, trazendo inclusive o Walter.

Akiko falava isto mostrando a maior calma. Os demais prestavam bastante atenção.

-E o que ele quer com a gente? Não representamos um perigo imediato para ele.

Marie foi impessoal e colocou a pergunta para todos os demais. Francisco foi quem respondeu:

-Não sei sobre ele e, de fato, acho que não representamos nenhum perigo. O problema é a Gabriela, ela é o perigo.

-Mas por que a Gabriela é um perigo, ou melhor, por que a Gabriela poderia querer alguma coisa conosco? Nem ela e nem o Jaime nos conhece. Qual seria a razão?

-Tenho me perguntado isto por um longo tempo. Quando matei o pai de Gabriela por acidente, ela ficou me procurando por um longo tempo e nunca me deixou em paz. Ela dizia que queria o anel que estava comigo. Mas para que ela queria este anel? Ela tinha outros anéis. Por que ela haveria de querer um anel específico?

-Esta versão é nova. Eu não sabia que ela queria o seu anel. Ela pediu isto para você?

Walter parecia curioso.

-Pediu? Não, ela não pediu nada. Quando eu fugia da polícia por ter matado o pai dela acidentalmente, ela mandou uns sujeitos à minha procura, e não era para conversar. Depois, enquanto vivemos juntos, sempre que podia, pedia para trocarmos os anéis. Dizia que era coisa de casais apaixonados, de troca de alianças, e coisas assim. Ela queria este anel e nenhum outro.

-Sei! Interessante isto! E você já se perguntou por que disto? Seu anel é diferente dos demais?

-Diferente? Sim, ele é diferente. Este anel foi feito pelo pai da Gabriela. Os demais foram construídos pelo Erich e por mim mesmo, com a ajuda de todos os outros aqui presentes. Na época, tínhamos mais quatro parceiros. Esta é a diferença. O resultado que produz, aparentemente, é o mesmo dos demais. Na aparência também é muito semelhante.

-Sei! E você nunca pensou em trocar seu anel por um dos outros. Já pensou em pegar o anel de um dos quatro que morreram?

-Não! E por que eu faria isto? Trocar para que?

-Ué! Só para ver se você sente alguma diferença. É pura curiosidade minha. Você é o único que pode dizer o que é diferente de um anel para o outro, ou melhor, que sensações você sente com um e com o outro. Talvez isto explique o porquê da Gabriela querer este anel, não concorda?

-Sei lá! Eu nunca tinha pensado nisto. Posso tentar a troca e ver no que dá.

-E quanto ao Jaime? Por que a Gabriela queria um filho?

-Bem! Na época ela veio com aquela conversa mole de que era o sonho de toda mulher, que precisávamos ter um herdeiro, que ele seria a continuação de nós dois, e coisas assim. Acho que, inconscientemente, acabei entrando na conversa dela. Depois que o Jaime nasceu, percebi que alguma coisa estranha estava acontecendo. A forma como ela tratava o bebe, as coisas que falava em seu ouvido, seu comportamento mudou completamente. Discutíamos o tempo todo e foi por isto

que resolvi ir embora e levar o Jaime comigo. Aliás, o nome original dele não é Jaime e sim Artur. Jaime foi o nome que seus pais adotivos colocaram. Artur é seu nome, e foi Gabriela quem fez questão deste nome.

-Artur? Ué! Você nunca falou disto para ninguém. Desde que nos conhecemos você sempre falou em Jaime.

Erich mostrava surpresa com a revelação de Francisco. E este tentou explicar:

-É! Eu acabei usando o nome que deram a ele. Eu nunca registrei o Jaime, pois na época não tinha como provar minha identidade e nem a de Gabriela.

Walter e todos os demais ficaram calados por alguns instantes pensando sobre o que Francisco tinha contando. Em suas mentes avaliavam as ligações entre os fatos relatados. Finalmente Walter fez uma colocação:

-Se eu entendi direito, o que a Gabriela quer mesmo é o seu anel, e não sabemos bem o porquê disto. Tem jeito de um de vocês marcarem um encontro com o Jaime? Enviar alguma sensação para que ele nos encontre?

-Isto é com o Francisco. Só ele consegue fazer isto.

Quem respondeu foi Akiko; e Walter continuou com suas perguntas:

-Como assim, só ele? Vocês não conseguem fazer isto?

-Não! Isto é alguma coisa que está vinculada à ligação que eles têm entre si, é uma ligação pai-filho.

-Ah é? Mas que coisa interessante. Veja bem, eu não tenho ligação nenhuma com o Jaime e, no entanto, estou aqui. Aliás, acho que nenhum de nós aqui tem ligação com Jaime, só o Francisco. Mas estamos todos aqui. Isto não é engraçado?

-Não entendi aonde você quer chegar? O que é que é engraçado?

-O Jaime, ou a Gabriela, parece não ter problema para enviar uma sensação para nós. Este negócio de ligação pai-filho é meio furado, não acham?

Todos ficaram se entreolhando. Walter tinha levantado uma hipótese que ninguém havia discutido antes. Sim, Francisco conseguia

influenciar as sensações de Jaime e mais ninguém. Agora Jaime conseguia influenciar sensações dos demais. A hipótese da ligação pai-filho estava errada. Jacques foi o primeiro a se manifestar:

-Então como se explica isto? O Jaime percebia as intenções de aproximação de Francisco e, pelo que sabemos, ele nunca usou um anel. Por sua vez, Francisco é o único que conseguia se manifestar desta forma. Todos nós tivemos o mesmo treinamento neste controle mental, mas nunca conseguimos realizar nada a distância. No nosso primeiro encontro, quando Erich prendeu você no sofá, foi preciso um toque, ele colocou a mão em você.

-Sei! Mas o Francisco usa um anel diferente. Vocês já analisaram o anel de Francisco?

Erich resolveu entrar naquela discussão:

-Não, nós nunca fizemos isto. A única coisa que fizemos até hoje foi uma análise superficial com uma lente de aumento. Foi daí que deduzimos tratar-se de uma bobina feita de um fio de ouro finíssimo ligado à pedra. Foi desta análise que tiramos o esquema para os demais anéis. Era somente copiar o modelo.

-Sei! Todos vocês estão sabendo que eu trabalho com computadores. Vocês já viram um processador? É uma lâmina de silício bem pequena onde estão incrustadas algumas impurezas. Se fizermos uma análise superficial não percebemos nenhuma diferença. Uma lâmina de silício e um processador são idênticos. Não percebemos qualquer diferença, mas sabemos que isto não é verdade. Agora eu pergunto: acham que apenas um exame superficial no anel do Francisco vai mostrar alguma diferença? Eu diria que não. É um anel diferente e, acredito, Gabriela sabe disto. O que ela quer é este anel.

-Mas por que as sensações entre Francisco e Jaime?

-Bem! Acho que vocês esqueceram que o Jaime foi concebido sob a presença deste anel. Acredito que Francisco não tirava o anel quando tinha relações com Gabriela. A concepção de Jaime foi afetada pela presença do anel. É o anel que explica esta troca de sensações e não esta ligação pai-filho de que falam. Se o Francisco trocar seu anel com qualquer um de vocês, acredito que o novo usuário também vai conseguir influenciar o Jaime. O anel é a ligação.

-É! Você pode até ter razão. O anel de Francisco deve ser especial. Talvez o Jaime seja apenas uma alternativa para Gabriela. Ela não consegue o anel, então gera uma criança que assimila o poder do anel. Ela tem todo tempo do mundo e sempre pode esperar o que for necessário.

-Vamos entender uma coisa. Este negócio de "poder" do anel parece coisa de magia, esoterismo. Este anel é um artefato de alta tecnologia feito por alguém que sabia o que estava fazendo. Os efeitos do campo que ele produz foram propositais. Isto não é coisa de feiticeiro, quem fez este anel não tinha nada de mágico, era um cientista de primeira. Afinal, quem fez este anel?

-Ué! Foi o pai da Gabriela. - Respondeu Francisco.

-E você conheceu o pai dela? Acredita que ele tinha este conhecimento todo? Acredita que ele era capaz de produzir um artefato com esta precisão na época em que isto foi feito? Segundo o Erich, para fabricarem seus anéis precisaram de vários anos e utilizaram tudo que estava disponível. Muito dinheiro foi gasto no processo, ou seja, o dinheiro antecede o anel. Então, o pai da Gabriela precisava de muito dinheiro para montar toda a aparelhagem necessária à fabricação de um único anel. E, também segundo Francisco, ele fez mais de um anel. E por que este anel do Francisco é diferente dos demais? Ele também é diferente dos que estão com Gabriela, pois, se responsabilizarmos Jaime por essas sensações, é porque ele usa um anel, e ninguém aqui acredita que Gabriela tenha dado seu anel para ele. Então, ela tinha pelo menos dois anéis, além do que está com Francisco. De novo, quem fez esses anéis?

-Acho que o que você está querendo saber todos aqui também querem. A princípio pensamos ter sido o pai da Gabriela, mas, agora, isto não é mais certeza. De fato, aquele professor não tinha recursos para fabricar nenhum desses anéis.

-Então, temos que testar este anel em outro elemento do grupo para ver como as coisas funcionam. Vocês aceitam?

Walter ficou esperando uma resposta de qualquer um do grupo, mas todos olhavam para Francisco. O anel em questão era dele, era ele quem deveria decidir o que fazer. Francisco percebeu a pressão sobre

ele; não falou nada e ficou retribuindo os olhares. Walter voltou a se pronunciar:

-Francisco! Parece-me que a decisão é só sua. Você possui este anel há mais de trezentos anos e deve estar ligado a ele. Você pode usar um dos anéis que sobraram dos quatro parceiros que morreram. Sua vida não deverá mudar em nada, mas, em pouco tempo, ficaremos sabendo se você perdeu alguma dessas sensações diferentes. Depois poderá repetir a troca. O que você decide?

Walter ficou encarando Francisco. Este manteve seu olhar fixado nele e depois abaixou. Pensou por alguns segundos e colocou:

-Sei lá! Acho que você está certo. Vou pedir ao Erich que me traga um dos anéis sobressalentes. Vou pedir também que alguém fique com este anel para sentir seus efeitos. Eu pediria que este alguém fosse você mesmo, pois já esta na hora de você se integrar completamente ao grupo.

-Eu? Mas nem matando. Eu, não. Quero que me desculpem todos vocês, mas nisto eu não vou entrar não. Quero viver uma vida normal, quero ficar velho e, quando chegar a hora, quero morrer em paz. Eu não vou colocar nenhum anel. Eu, como vocês mesmos falaram, sou um intocado, um elemento que pode decidir as coisas sem a carga da imortalidade. Eu quero continuar assim. Eu sugiro que seu anel seja passado à outra pessoa, ao Erich, por exemplo.

Erich olhou para Walter com certa censura, depois olhou para Francisco. Este se levantou e pediu a Erich que lhe desse seu anel. Trocaram rapidamente os anéis e Francisco voltou a sentar. Todos ficaram em silêncio por um bom tempo. Finalmente, Walter se pronunciou:

-Então, agora é esperar para ver o que acontece. Erich deverá relatar qualquer sensação fora do normal, assim como Francisco. Devemos aguardar algum tempo e, se possível, devemos observar sensações em nós mesmos. Eu comecei a ter essas sensações esquisitas há alguns dias atrás e, não sei explicar por que, uma vez que não sou portador de nenhum anel. Acho que devo permanecer isolado deste artefato. O Erich, o Francisco e eu seremos os elementos desta experiência. Os demais serão os elementos de comparação.

Walter parecia ser o novo comandante do grupo e ninguém estranhava aquilo. Akiko se mantinha calada. Apesar dele não ser o portador de qualquer anel, todos respeitavam sua opinião, pois era coerente em suas colocações. Depois de uma refeição leve, eles foram todos descansar. A casa era grande e, como sempre, havia dormitórios isolados para todos. No dia seguinte levantaram bem cedo e passaram o dia fazendo atividades normais à maioria das pessoas. Era tudo muito normal. Entretanto, suas mentes trabalhavam com afinco, analisando quaisquer sensações que fossem diferentes das que normalmente sentiam.

Quando começou a entardecer, Walter propôs a Erich que fossem até o centro da cidade, pois queria ver como a coisa funcionava longe dos demais. Erich, que sempre fora meio monge, aceitou com algumas reclamações. Pegaram o carro e foram para o centro até um hotel e se registraram. Depois foram a um restaurante e pediram uma refeição leve. Comeram devagar, pagaram a conta e saíram para a rua.

Walter e Erich caminhavam pela rua deserta até onde estava estacionado o carro. Durante o jantar nada de novo foi percebido. Já estavam quase perto do estacionamento quando foram cercados por dois homens.

-Podem ir parando por aí mesmo! Isto é um assalto!

A voz soou rouca e grave. Walter sentiu o cano de uma arma ser encostado em sua nuca. Um calafrio lhe percorreu sua espinha. Ergueu os braços lentamente. Erich foi tomado de surpresa. Tentou virar a cabeça para traz para ver seu agressor, mas foi impedido com um violento empurrão.

-Ô velhinho, vê se fica na tua e mantenha a cabeça virada pra frente. Está me entendendo?

Outra voz falou isto. Então, o assaltante tinha um companheiro que se encarregava de Erich. A situação era bastante difícil. Enfiando as mãos por baixo dos braços de suas respectivas vítimas, os dois homens começaram a remexer em seus bolsos à procura de alguma coisa de valor. Walter aparentemente suava frio. Erich olhou meio de lado para Walter e esboçou um sorriso. Walter empalideceu e quase perdeu os sentidos. Pensou consigo mesmo: este maluco vai reagir.

Erich prendeu o braço direito de seu atacante por sobre seu próprio braço, segurou sua mão direita com sua mão esquerda, virou-se rapidamente no sentido contrário, ficando de frente para seu agressor. Abriu os braços e, em seguida, enfiou o dedo indicador de sua mão direita no peito daquele homem que, logo em seguida, estatelou-se no chão. Olhou fixamente para o segundo homem, que mantinha Walter subjugado, e encostou o dedo indicador de sua mão esquerda na mão do mesmo. Foi o suficiente para que este também caísse ao chão logo em seguida. Ambos os agressores estavam deitados e sem sentidos.

-Mas que loucura é esta? E se o cara disparasse a arma na minha cabeça? Quem você pensa que é? O super-homem?

Walter estava possesso. Não parava de tremer e, gaguejando o tempo todo, reclamava com Erich. Este se agachou e começou a examinar atentamente os dois homens caídos.

-Acho que não pude evitar. Estão mortos!

Erich falou isto com muita frieza; levantando devagar, encarou Walter e perguntou:

-E você? Está tudo bem com você?

Walter olhava para Erich e para os dois homens deitados no chão sem pronunciar qualquer palavra. Sentia um tremor percorrer todo seu corpo. Após quase um minuto neste vai e vem, olhou para Erich fixamente e perguntou:

-O quê você quer dizer com estão mortos?

-Isto mesmo que você ouviu. Pararam de respirar, o coração deles não bate mais, enfim, pararam de viver. É isto ai!

Erich apontava ambas as mãos para os homens estendidos no chão e também olhava fixo para Walter.

-Você é louco ou o quê? Como podem estar mortos? Você só encostou a mão nos sujeitos. Sou covarde, mas não sou cego. Como é que eles podem estar mortos?

-Lembra-se de nosso primeiro encontro, quando você ficou preso no sofá por quase uma hora sem conseguir se levantar?

-Claro que me lembro. Nunca mais vou esquecer aquilo. Mas e daí, o que...

Walter calou-se e, com a boca aberta e os olhos esbugalhados olhou fixo para aqueles homens deitados no chão.

-Então, você travou estes caras da mesma forma que me travou naquele dia? Mas por que eles morreram?

-Sei lá! Acho que usei força demais. Na pressa não consegui me controlar.

-Como assim na pressa? Que raio de força é esta que tira a vida das pessoas? Quem é você afinal? Um matador apressado?

-Vê se você se acalma. Afinal tudo isto aconteceu por culpa sua mesma.

-Como assim por culpa minha? Eu estava indo muito bem, eu estava completamente paralisado. Não fiz coisa alguma com estes caras. Não vem com essa de jogar a culpa para cima de mim não. Você é quem fica usando esta merda de força, poder, seja lá o que for, e acaba fazendo besteira. Por que não prendeu a bunda deles na calçada como fez comigo daquela vez? Precisava matar estes caras?

-Acho que é você quem está precisando uma nova dose de cola. Já falei para se acalmar. E vê se fala mais baixo, senão vai acabar aparecendo alguém.

-Está bem! Está bem! Mas o que a gente vai fazer com estes caras?

-Ué! Não vamos fazer nada. Vamos deixar eles por aí mesmo. A polícia vai acabar encontrando os corpos e vai acreditar que morreram de ataque cardíaco.

-Os dois?

-Sei lá! Se fizerem uma autópsia não vão encontrar nada. Talvez um pouco de álcool, ou talvez drogas. As conclusões ficam por conta deles. Será um mistério a mais que ficará sem solução. Vamos cair fora daqui e rapidinho.

Erich foi se afastando e puxando Walter pelo braço que, por duas ou três vezes, voltou a cabeça para olhar aqueles corpos no chão. Entraram no carro com Erich na direção, uma vez que Walter não tinha qualquer condição para dirigir. Partiram em direção ao hotel onde estavam hospedados. No trajeto nenhum deles pronunciou qualquer palavra.

Chegando à porta do hotel, Erich entregou as chaves ao manobrista e ainda puxando Walter atravessou o saguão. Pegou as chaves do quarto com o porteiro e foi direto para o elevador. Manteve-se o silêncio até que ambos entraram no quarto de Erich, que trancou a porta logo após empurrar Walter para dentro.

-Por que você ficou tão apavorado? Qual é o seu problema?

Erich mostrava o quanto estava nervoso.

-Como assim o meu problema? Eu sou uma pessoa normal. Nós estávamos sendo assaltados por dois bandidos armados, não sei se você percebeu. O cara enfiou uma arma na minha cabeça. Como é que você queria que eu ficasse? Uma pessoa normal fica assustada ou, pelo menos, deve mostrar que está assustada.

-Mas que merda! Acho que você nunca vai aprender mesmo. Já não falei pra você se manter sempre alerta. Todos nós insistimos com você o tempo todo. Se você não fosse tão cagão nada disto teria acontecido.

-Mas de novo! Que negócio é este de ficar me culpando? Foi você que enfiou esse seu dedo assassino nos caras e acabou com eles. O quê é que eu podia fazer além de ficar assustado? É a reação que qualquer bandido espera de suas vítimas. Como é que se assalta alguém indiferente?

-Você podia ter ficado calmo. Só isto.

-Mas você é maluco mesmo. Como é que se pode ficar calmo com um trabuco daqueles enfiado na nuca? Acha que eu estou acostumado com este tipo de coisa?

-Você tem que se acostumar com estas coisas por mais malucas que elas sejam. Quando você aceitou sair para o mundo, eu avisei. Isto que aconteceu era uma possibilidade e, desta forma, uma coisa previsível. Todos os dias as pessoas são assaltadas e assassinadas. Por que acha que coisas assim nunca vão acontecer com você? Acha que é um predestinado, um protegido dos céus?

-Não, eu não acho não! Mas também não fico pensando nisto o tempo todo. Fui pego de surpresa.

-E por que ficou apavorado?

-Mas como é que você queria que eu ficasse? Que eu dessa risada. É isto?

-Surpreso, mas calmo.

-Você é que não tem sangue nas veias. Está sempre frio e calmo. Eu podia ter morrido e você diz para ficar calmo. Surpreso, mas calmo. Surpreso, morto, mas calmo. Está bom!

-Todo mundo morre. Você também vai morrer um dia, ou acha que não?

-Lógico que vou. Mas eu não ando por aí com esses anéis "imortalizantes". Minha vida é curta e quero aproveitar todos os segundos disponíveis. Não vou tomar um balaço na cabeça com toda a calma do mundo só para que você fique satisfeito, surpreso e calmo.

-Este anel não me protege de balas. Se for atingido por um tiro vou morrer da mesma forma que você.

-Então vai ver que já está cansado de tanto viver e não quer mais nada desta vida. Eu não sei o que você quer comigo. Com um revólver na nuca sou cagão mesmo. Isto está dentro de mim.

Erich engoliu seco e olhou para o teto e para os lados como se procurasse a ajuda de alguém. Respirou fundo e soltou o ar devagar relaxando os braços. Procurou pela pequena poltrona ao lado da cama e, literalmente, jogou-se na mesma. Esticou bem as pernas e colocou ambas as mãos atrás da nuca. Então falou com toda a calma que lhe era peculiar:

-Amanhã mesmo voltamos para casa. Acho que você ainda não está pronto e não quero passar por outra situação igual a de hoje.

-Cara! Eu nunca vou ficar pronto.

Walter mostrou uma cara de descontentamento e acabou sentando na cama ao lado de Erich.

-Você não vai me transformar neste super-herói que fica sempre calmo em qualquer situação. Eu sou um sujeito comum e que tem medo, o que, também, é bastante comum.

-Você deixou de ser um cara comum. Vê se coloca isto na sua cabeça.

-Então vou pular fora. Nunca vou ficar do jeito que você quer.

-Acaba logo com isto. Não tem como pular fora. Não existia essa possibilidade antes e também não existe agora. Não vamos discutir isto de novo.

-Então vê se pára de encher o meu saco. Fui covarde antes; sou covarde agora e serei covarde depois; eternamente covarde. Não tem como mudar isto. Pau que nasce torto morre torto.

-Vamos ver, vamos ver.

-Não vamos ver nada. Não vamos ver porra nenhuma. E também vamos parar com esta conversa idiota.

Erich ficou calado. Continuou na posição relaxada em que se encontrava e olhava fixamente para um ponto no teto do quarto. Parecia conversar consigo mesmo. Walter tentava melhor se acomodar naquela cama alta, mas era como se algo o incomodasse. Depois de algum tempo levantou-se e dirigiu-se para a porta. Quando estava quase chegando à mesma lembrou-se que Erich havia trancado a mesma.

-Dá para abrir esta merda de porta? Vou para o meu quarto tomar um banho e também quero descansar um pouco.

Erich puxou a chave de seu bolso e atirou-a em direção a Walter.

-Estão aí! Vê se não vai fazer nenhuma besteira!

-Não se preocupe. Além de covarde sou um cara sensato. Não sei se você está lembrado?

Erich não respondeu. Retornou o olhar para o ponto imaginário no teto do quarto. Walter abriu a porta e já estava saindo. Desistiu, fechou a porta, sem trancá-la, olhou para Erich e perguntou:

-Como é que você se sente após matar duas pessoas? Você tem alguma espécie de sentimento?

Erich baixou o olhar, mas continuou calado. Walter prosseguiu:

-Você matou duas pessoas. Está correto se disser que eram dois imprestáveis, dois bandidos. Talvez dois assassinos e estupradores, mas, de qualquer forma, eram duas pessoas. E você aí age como se nada tivesse acontecido. Este seu comportamento me deixa bastante confuso. Você faz um tipo de discurso, mas age de forma contrária. Que tipo de confraria é esta em que eu me meti? Todos vocês são assim? Desse jeito?

Erich continuou sem responder. Walter começou a ficar nervoso.

-Dá pra me responder? Quero entender mais esta situação maluca e não estou gostando nada de fazer parte da mesma. Afinal, dá para me explicar o que está acontecendo?

Erich encarou Walter e respondeu seco:

-Não tenho nada para lhe explicar. As coisas aconteceram e pronto. Nada disto foi premeditado e, para seu entendimento, nenhum de nós fica por aí se preparando para fazer esse tipo de coisa. Temos sentimentos sim, e eu, em particular, fiquei muito chocado, apesar de não demonstrar.

-Desculpe, não quis lhe ofender. Mas ainda não entendi porque matá-los. Você não podia prendê-los no chão como fez comigo aquela vez, não podia?

-Mas é claro que eu podia. Você é burro mesmo! Mas é disto que eu estou falando o tempo todo. Se você não estivesse tão apavorado eu podia ter controlado toda a situação. Foi o seu desespero que me fez agir com demasiada pressa senão quem ia estar morto era você.

-Mas de novo. Do que você está falando?

-Você tremia todo, estava quase mijando e o seu bandido percebeu isto. Não conseguia ver o cara que estava atrás de mim, mas o seu homem eu pude observar em relances. O cara também estava apavorado, talvez até mais que você, e, a qualquer momento, ele ia puxar o gatilho. Você devia ficar calmo e ter deixado ele calmo também.

-Ficar calmo? Lá vem você de novo. O cara estava esperando por alguém nervoso e não por alguém calmo. Ficar calmo só deixaria o cara mais nervoso ainda. Você me queria calmo, que nem você?

-Mas é isto aí mesmo. Se você tivesse ficado calmo eu poderia agir com mais sutileza. Eles acabariam desmaiando e amanhã acordariam com uma pequena dor de cabeça. Eu precisava de um pouco mais de tempo, mas o seu desespero não me deixou alternativa. Agi rápido e deu no que deu.

-Você sempre age assim? Rápido?

-Claro que não. Esta foi a primeira vez.

-Você já passou por situações semelhantes?

-Sim, umas duas vezes. Mas nunca matei ninguém. Não sou assassino, se é o que está pensando.

-Eu não disse isto. E das outras vezes, você estava sozinho?

-Não. Em uma das vezes estava com um contato, precisava fazer umas transações bancárias e utilizava um contato para isto. Mas por que a pergunta?

-E este contato? Ele não ficou apavorado quando isto aconteceu?

-Apavorado foi pouco. Aquele lá, de fato, se cagou todo, literalmente.

-E você matou o agressor?

-É claro que não. Eu nunca fiz isto antes.

-Mas agora você fez. Não é isto?

-Eu perdi o controle. A culpa foi sua.

-Eu acho que a culpa não foi minha não, mas do anel que você está usando.

-Do anel? E o que tem o anel com isto?

-Você está com o anel do Francisco, esqueceu? Ele é diferente.

-Sei! Mas e daí?

-Em duas situações idênticas o resultado foi diferente. O que era diferente de uma para a outra?

-Então você acha que o anel me fez fazer isto?

-Não, não acho que foi o anel, foi você mesmo. Eu acho que este anel potencializou alguma coisa em você e, por isto, você perdeu o controle. Você usou a mesma força de antes, mas, agora, ela foi potencializada por este anel. Eu acho que foi isto que aconteceu.

-Então, este anel é mais poderoso que o meu?

-Sim, ele é diferente dos outros e isto todos nós já sabemos. Agora sabemos que ele potencializa suas forças mentais. Você tem que fazer menos força do que estava acostumado.

-Mas este anel é igual ao outro. Não sinto a diferença.

-Igual na aparência. Sua construção é mais antiga e, pelo que já conversamos, supostamente foi feito por alguém que não dispunha de qualquer tecnologia. Infelizmente, hoje tivemos uma nova prova disto. Acho que conseguimos provar minha tese: este anel é diferente.

-Sei! Que forma mais estúpida de provar um fato: matando duas pessoas.

A.J.Pissuto

-É! Bastante estúpida, mas foi uma forma inocente. Não se sinta culpado por isto. Acho que podemos retornar à casa. Vamos conversar com os outros.

Walter e Erich recolheram suas coisas, pagaram a conta e foram para o carro. Depois se dirigiram para a periferia da cidade, até a casa onde estavam morando. Lá chegando Walter repassou sua teoria para os demais. Erich propôs a Francisco que trocassem novamente os anéis, mas Walter impediu isto dizendo que ainda tinham que fazer outros testes. Erich se mostrou relutante em continuar com aquilo. Sentia-se culpado pelo que tinha acontecido. Akiko tomou a responsabilidade e trocou seu anel com o dele. Agora era Akiko quem seria o pivô, ela usaria o antigo anel de Francisco. Walter parecia concordar com esta troca. Dir-se-ia que ele até forçou a mesma. Ficou acertado que Walter e Akiko deveriam manter-se afastados por algum tempo.

Aparentemente, alguém propôs que Walter e Akiko fossem para o Brasil. Lá era o lugar onde Jaime vivera nos últimos três anos. Deveriam fazer uma excursão por todos os grandes centros para ver se conseguiam algum resultado. Jaime podia ter deixado alguma pista por lá. Não se sabia direito quais argumentos foram utilizados e mesmo quem os tinha apresentado ou insinuado, mas, aparentemente, todos concordavam com eles.

No dia seguinte, Walter e Akiko partiram para o Brasil como um casal em lua de mel. Pegaram um vôo direto para o Rio de Janeiro. Depois iriam para São Paulo, Belo Horizonte, Brasília e Campo Grande. Era no pantanal que Jaime e Francisco se encontraram e onde, talvez, Jaime estivesse procurando pistas de seu pai.

Tinham de encontrar Jaime para poderem explicar aquelas sensações esquisitas, e, também, tinham que se afastar uns dos outros. Aquela reunião não podia ser coincidência, ela devia estar sendo provocada, e todos sentiram uma grande vontade de ir para aquele lugar. A única explicação encontrada era que alguém estava querendo isto: Jaime ou Gabriela. Tinham que se afastar daquele lugar.

Chegaram ao Rio de Janeiro e logo se hospedaram num hotel de uma das praias mais famosas da cidade. Ficaram passeando pelas praias e por alguns restaurantes por dois dias seguidos, sem que qual-

quer nova sensação fosse notada. Depois foram a São Paulo e a mesma coisa, nenhuma nova sensação. Foram para Belo Horizonte e Brasília e nada de novo. Então foram para Campo Grande e lá contrataram um pequeno avião para um passeio pelo pantanal, disseram que queriam conhecer a paisagem e filmar alguns pontos. Walter levou o piloto a sobrevoar o local onde encontrara Akiko pela primeira vez. Lá do alto pode ver, com muita surpresa, uma área toda recoberta de plantas nativas como se ali nunca tivesse existido outra coisa. Virou-se para comentar o fato com Akiko quando percebeu que ela estava meio estática, parada, olhando para o infinito. Bateu em seu braço e perguntou:

-Alguma coisa de errado? Está com algum problema?

-Não estou me sentindo bem. Incrível, pois nunca senti isto antes. É alguma coisa que me sufoca, uma ansiedade, é como uma angústia. Eu sinto que devo ir lá para baixo, para aquele local. Alguma coisa me chama para lá.

Walter de imediato pediu ao piloto que retornasse rapidamente para o aeroporto, no que foi prontamente atendido. À medida que se distanciavam daquele local, Akiko foi recuperando seu bem estar. Quando já estavam a uns dez quilômetros do local, Walter perguntou:

-Jaime estava lá?

-Não sei dizer. Alguma coisa na minha cabeça me chamava. Você não sentiu?

-Não, desta vez não senti nada. Jaime deve estar sincronizado com o anel que você está usando. Ele sempre esteve sincronizado, desde que foi gerado. Francisco sentia isto e agora é com você. Trouxe um anel sobressalente?

-Sim, o Erich me passou outro anel para qualquer eventualidade. Mas agora não preciso mais dele. Aquela sensação estranha já aliviou. Eu vi o Francisco suar frio algumas vezes, quando tentava entrar em contato com o Jaime. Pensava que isto fosse devido à ligação pai-filho deles, mas, agora, vejo que é o anel que provoca isto.

-É o que tenho tentado dizer. Isto é alguma coisa especial. Alguma tecnologia que não compreendemos. Jaime foi gerado em sua presença e, desta forma, consegue entrar em sincronismo com este

anel. Seus genes devem ter sido afetados. Mas a coisa funciona somente a curta distância ou, pelo menos, com a intensidade que você sentiu agora. Ele esta desenvolvendo esta característica, este poder. Ele é uma extensão deste mecanismo e está sincronizado com ele. Vocês tiveram que ser treinados neste negócio de controle da mente, com ele isto é natural. Só que ele está limitado ao usuário deste anel. Vamos deixar este anel de lado por algum tempo e ver até onde isto vai nos levar.

Chegando ao aeroporto, Walter e Akiko pegaram um táxi e foram para o hotel. Lá chegando, Akiko trocou o anel por outro. Ligaram para Erich e pediram que ele marcasse uma reunião com todos os demais em algum lugar que não ficassem muito expostos. O local escolhido foi Barcelona, na Espanha. Foi por ali que tudo havia começado.

Walter e Akiko partiram no dia seguinte para São Paulo e dali eles pegaram um vôo direto para Lisboa, em Portugal. De lá foram para Barcelona. Akiko e Walter tinham todos os documentos que precisavam. Aquele grupo vivia se deslocando de um lugar para outro no mundo todo e, desta forma, sabiam onde arranjar documentos falsos. Eles não podiam ter documentos verdadeiros. No caso de Akiko, quem acreditaria que aquela jovem mulher tinha a idade que um documento verdadeiro declarava. Afinal, aprenderam que com muito dinheiro tudo se compra; inclusive novas identidades.

Erich havia alugado uma casa grande em Barcelona onde todos deviam se reunir. Walter e Akiko foram os últimos a chegar. Erich se mostrava preocupado e comentou com Walter:

-Alguma coisa deu errada. Kimio e Marie já deveriam ter chegado. Eles foram avisados e tiveram tempo suficiente para isto. Não estou entendendo o atraso dos dois.

-Ué! Vai ver que tiverem problemas com deslocamento. Afinal, onde eles estavam?

-Eles estavam em Madri. Estavam visitando alguns museus em busca de artefatos antigos, algo como a taça que eu encontrei há muito tempo atrás. Estavam tentando encontrar alguma pista sobre quem fez este anel. Então, eles estavam aqui por perto.